

Saúde

Revista Brasileira de

ISSN 3085-8089

vol. 1, n. 12, 2025

... ARTIGO 8

Data de Aceite: 04/12/2025

DO MITO À MÁQUINA: ARQUÉTIPOS, NEUROSES E A CONSTRUÇÃO DO SELF NO ESPAÇO VIRTUAL

Leonardo Aparecido Guimarães Tomaz

Psicanalista Clínico com aperfeiçoamento em Psicanálise Freudiana, Mestre em Ecologia e Evolução,
Doutor em Ciência Animal

Lilian Chaveiro de Pádua Guimarães

Psicóloga Clínica, especialista em Neuropsicologia e Gerenciamento de Projetos.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: Este estudo propõe uma análise crítica do comportamento humano nas redes sociais à luz da psicanálise clássica e contemporânea, com articulações à psicologia analítica junguiana e à fenomenologia existencial. A pesquisa investiga como o inconsciente individual e coletivo se manifesta nas interações digitais, revelando a intensificação de padrões arquetípicos e sintomas neuróticos na era algorítmica. As redes tornaram-se espaços privilegiados de construção do self, onde desejos, angústias e fantasias são mediados tecnologicamente. Arquétipos junguianos como o herói, o rebelde e a vítima ressurgem em personas idealizadas. A busca por aprovação, o medo do abandono e a compulsão por visibilidade configuram neuroses culturais, conforme descritas por Karen Horney. Com base em Freud, o texto analisa mecanismos de defesa como projeção e racionalização, potencializados nas redes, enquanto Lacan contribui com a noção de gozo e narcisismo digital: o “like” funciona como o olhar do Outro. A leitura kleiniana destaca a posição esquizoparanóide e tentativas de reparação simbólica, como na cultura do cancelamento e nos gestos de solidariedade performática. Sob o olhar fenomenológico, a fragmentação do self se acentua, com o corpo reduzido a imagem e o sujeito desancorado do presente. Em síntese, as redes sociais amplificam as estruturas inconscientes da subjetividade, funcionando como espelhos coletivos onde mito, desejo e tecnologia se entrelaçam.

Palavras-Chave: Psicanálise; Redes Sociais; Arquétipos; Neuroses Contemporâneas; Subjetividade Digital.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por uma transformação profunda na forma como os indivíduos constroem e expressam sua subjetividade. As redes sociais digitais tornaram-se espaços privilegiados para manifestações de identidade, desejo, angústia e pertencimento. Nesse contexto, observase um recrudescimento de dinâmicas psíquicas que remetem a padrões arquetípicos identificados por Carl Gustav Jung, bem como a sintomas neuróticos descritos na psicanálise clássica. Segundo Jung, “the collective unconscious contains the contents of psychic life which arise neither from personal experience nor from individual development” (JUNG, 1986, p. 42). Este trabalho propõe uma articulação entre os conceitos junguianos de arquétipos e inconsciente coletivo, os mecanismos de defesa do ego e a manifestação de sintomas neuróticos na esfera digital.

A psique humana, de acordo com Jung, está organizada de forma que o inconsciente coletivo funciona como um “reservoir of images and motifs common to mankind ... through which the archetypes continually express themselves” (JUNG, 1987, p. 25). Esses arquétipos como o herói, o velho sábio ou o rebelde encontram nas redes sociais um palco simbólico de manifesto. Como afirma o autor, “archetypes are predominant patterns of behaviour, images, or narratives that recur despite the difference of time and culture” (JUNG, 1986, p. 50). Assim, o ambiente virtual não apenas reflete, mas também amplifica a ativação dessas estruturas simbólicas que operam de maneira inconsciente.

O uso cotidiano das redes revela não só a busca por reconhecimento e pertenci-

mento, mas também a tendência à repetição de padrões de comportamento que expressam conflitos não elaborados. De acordo com Karen Horney, “the neurotic person is one whose inner conflict is constantly displaced into striving for idealized selfimages and approval of others” (HORNEY, 1964, p. 38). Em perfis que constantemente expõem conquistas, aparência ou opiniões polêmicas, pode-se perceber a atuação de mecanismos como a idealização, que são formas defensivas de manter o senso de valor diante da ameaça interna.

Os sintomas neuróticos na esfera digital muitas vezes estão relacionados à angústia de rejeição, ao medo da invisibilidade e ao desejo de controle. Para Sigmund Freud, “symptoms of neurosis are in effect the compromise formations between unacceptable impulses and the ego’s defensive maneuvers” (FREUD, 2001, p. 112). Quando o ego se vê pressionado por exigências internas e externas, ativa mecanismos de defesa para preservar sua integridade. Em consonância, Anna Freud ressalta que “defence mechanisms are unconscious operations of the ego to reduce conflict or to avoid awareness of disturbing impulses” (FREUD, A., 2006, p. 12).

No ambiente das redes sociais, esse funcionamento psíquico assume contornos particulares. A projeção pode ser observada em comentários agressivos ou julgamentos morais exacerbados; a formação reativa se expressa na defesa de posturas idealizadas que escondem desejos opostos; e a dissociação separa a vida digital da experiência emocional real, criando uma persona virtual que pode parecer estável enquanto o sujeito vivencia colapsos silenciosos. Como aponta Anna Freud, “individuals which rely heavily on defence mechanisms often live in a self-

constructed world which shields the ego but restricts the capacity for genuine relationship” (FREUD, A., 2006, p. 45).

Este estudo se ancora na psicanálise freudiana e junguiana para oferecer uma leitura crítica do comportamento humano nas redes sociais, buscando compreender como os elementos do inconsciente coletivo são mobilizados no ambiente digital e de que forma esses padrões simbólicos e afetivos influenciam a estruturação psíquica do sujeito contemporâneo. A presença de uma persona digital fortemente arquetípica, sustentada por mecanismos de defesa neuróticos, evidencia a complexa relação entre desejo, identidade e sofrimento na era da hiperconectividade.

Ao investigar as interações entre arquétipos, sintomas neuróticos e suas causas emocionais, este trabalho contribui para o entendimento do impacto das tecnologias digitais na constituição e na patologia da subjetividade moderna. Reconhecer tais dinâmicas é fundamental para psicólogos, psicanalistas e profissionais da saúde mental, pois aponta para a necessidade de novas abordagens clínicas sensíveis à realidade digital do paciente contemporâneo. A escuta clínica deve considerar o espaço virtual como cenário legítimo da vida psíquica, onde os dramas da existência moderna também se desenrolam.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar, à luz da psicanálise, a presença e a atuação de arquétipos no comportamento humano manifestado nas redes sociais digitais.

Objetivos específicos

1. Esclarecer os arquétipos e representações no ambiente virtual.
2. Correlacionar estruturas neuróticas às suas causas emocionais.
3. Compreender como os elementos do inconsciente tanto individual quanto coletivo se expressam, são reforçados ou transformados no contexto psíquico contemporâneo.

METODOLOGIA

O estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e teórica, fundamentada nos pilares da psicanálise clássica especialmente nas obras de Sigmund Freud, Anna Freud, Melanie Klein e Karen Horney —, bem como na psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Além disso, são incorporadas contribuições da fenomenologia existencial, particularmente de Merleau-Ponty e da Gestalt, e do pensamento lacaniano sobre os registros do imaginário, simbólico e real.

Realizou-se uma revisão teórica, que contemplou a sistematização de conceitos centrais como arquétipos, persona, sombra, self, mecanismos de defesa, neurose, pulsão e inconsciente coletivo. Essa revisão foi realizada a partir das obras canônicas dos autores citados, bem como de estudos contemporâneos sobre a subjetividade digital, o fenômeno da performatividade nas redes e os efeitos da exposição constante à validação e ao julgamento do outro. A análise buscou também articular esse arcabouço conceitual com a observação de comportamentos digitais, entendendo as redes sociais como um espaço simbólico privilegiado para a

expressão do inconsciente e das fantasias subjetivas.

Realizou-se ainda um estado da arte do comportamento humano nas redes sociais que posteriormente foi comparado à revisão dos conceitos fundamentais da psicanálise. Examinou-se narrativas, imagens e performances simbólicas que remetam a padrões arquetípicos reconhecíveis como o herói, o rebelde, o sábio, o amante, a vítima ou o vilão, identificando também os sintomas neuróticos que emergem nesses contextos: ansiedade, compulsão, necessidade de aprovação, medo do abandono, idealizações, projeções e formação reativa.

Os critérios de análise incluíram a frequência e intensidade com que certos arquétipos são ativados; o grau de disjunção entre a persona digital e o self subjetivo; a presença de sintomas neuróticos mascarados por performances idealizadas; a ativação de mecanismos de defesa (como projeção, negação e racionalização); e as transformações simbólicas na imagem de si e do outro. Justifica-se essa escolha metodológica pela natureza simbólica e subjetiva do fenômeno estudado, uma vez que o comportamento nas redes opera em camadas que vão além da racionalidade e da comunicação objetiva. A partir dessa análise, foi construída uma tabela analítica correlacionando arquétipos, quadros neuróticos, mecanismos de defesa e conflitos emocionais subjacentes.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O trabalho propôs uma leitura psicanalítica do comportamento humano nas redes sociais, entendendo que o ambiente digital não se limita a um meio de comunicação, mas se configura como um espaço simbólico onde o inconsciente se manifes-

ta e é reeditado em novas formas. A análise partiu do pressuposto de que a subjetividade contemporânea é marcada por dinâmicas inconscientes que se atualizam nas interações virtuais, nas quais o sujeito busca reconhecimento, pertencimento e validação, estruturando sua identidade a partir do olhar do outro mediado pelo algoritmo.

Sob a ótica da psicanálise clássica e da psicologia analítica, o comportamento nas redes é compreendido como um fenômeno essencialmente simbólico. A partir de Freud, Anna Freud, Melanie Klein e Karen Horney, articulados a Carl Gustav Jung e Jacques Lacan, observa-se que as plataformas digitais se tornaram palcos de projeção dos arquétipos e das neuroses individuais e coletivas. Jung fundamenta a identificação dos arquétipos digitais ao propor que o inconsciente coletivo se expressa por meio de imagens universais que atravessam a cultura e o tempo, manifestando-se em padrões de comportamento reconhecíveis. Assim, as figuras do herói, do sábio, do rebelde ou do amante reaparecem no espaço virtual, reconfiguradas como expressões do imaginário contemporâneo e das necessidades psíquicas de pertencimento e sentido.

A contribuição freudiana e lacaniana amplia a compreensão da dimensão do desejo, da imagem e do narcisismo, elucidando como o sujeito virtual é estruturado pelo olhar do Outro e pela busca incessante de reconhecimento. Os mecanismos de validação social – como curtidas, compartilhamentos e seguidores – funcionam como espelhos narcísicos que reforçam o eu ideal e alimentam a ilusão de completude, ainda que momentânea. O sujeito, porém, permanece dividido entre o desejo e a falta, reproduzindo, no espaço digital, a tensão entre o

prazer e a castração, entre o ideal e a impossibilidade de realizá-lo plenamente.

Anna Freud contribui com a noção de mecanismos de defesa do ego, que se tornam evidentes nas condutas virtuais. A racionalização, a projeção, a negação e a formação reativa emergem como estratégias inconscientes utilizadas para lidar com a angústia e a insegurança geradas pela exposição constante. Karen Horney, por sua vez, estabelece a ponte entre as neuroses individuais e as exigências culturais, mostrando como o ideal contemporâneo de performance – ser feliz, produtivo, belo e desejável – gera conflitos neuróticos intensos, ansiedade e sensação de inadequação. Nesse contexto, o ambiente digital intensifica as pressões sociais e internaliza as exigências do superego coletivo, transformando o sujeito em vigilante de si mesmo e dos outros.

A leitura kleiniana ilumina o campo afetivo das redes ao evidenciar que amor e ódio, idealização e destruição, convivem simultaneamente nas interações digitais. As dinâmicas de cancelamento e idolatria são expressões da cisão psíquica entre o objeto idealizado e o objeto odiado, revelando a oscilação entre posições esquizoparanóides e depressivas. O sujeito, ao projetar sua sombra sobre o outro, alivia a culpa inconsciente e preserva uma identidade idealizada, ainda que à custa da fragmentação interna.

A análise dos resultados obtidos evidencia que os arquétipos digitais representam formas simbólicas de expressão do inconsciente coletivo adaptadas ao contexto das redes sociais:

1. O Herói Digital

- **Descrição:** Busca salvar, instruir ou inspirar os outros. Publica conteúdos motivacionais, educativos ou de denúncia.
- **Base psicanalítica:** Ego junguiano em busca de sentido, confronto com a “sombra social”.
- **Motivação inconsciente:** Atender ao arquétipo do **Herói** luta contra uma “sombra social” percebida, reafirmando o próprio valor.
- **Risco:** Pode cair no messianismo e se esgotar emocionalmente.

2. O Sábio Conector

- **Descrição:** Compartilha informações, dados e reflexões; atua como “curador” de conteúdo.
- **Base:** Arquétipo do Velho Sábio (Jung); pensamento introvertido dominante.
- **Motivação inconsciente:** Arquétipo do **Sábio** busca de conhecimento e ordem no caos informacional.
- **Risco:** Pode tornar-se distante e excessivamente crítico, perdendo conexão afetiva com outros.

3. O Rebelde Provocador

- **Descrição:** Questiona normas, provoca debates e confrontos. Muitas vezes engajado em polêmicas.
- **Base:** Arquétipo do Fora-da-Lei. Rejeição à norma via acting-out (Freud), castração simbólica (Lacan).

- **Motivação inconsciente:** Arquétipo do **Fora da Lei** (*Outlaw*) destruir estruturas percebidas como injustas.
- **Risco:** Pode cristalizar-se no papel de “troll” ou agressor, projetando sua própria sombra nos outros.

4. O Bobo Digital

- **Descrição:** Foca em humor, memes e conteúdos leves para entreter.
- **Base:** Humor como mecanismo de sublimação e defesa (Freud).
- **Motivação inconsciente:** Arquétipo do **Bobo da Corte** transformar a tensão em riso, aliviar o coletivo.
- **Risco:** Uso excessivo de ironia para evitar contato com conteúdos emocionais mais profundos.

5. O Amante Virtual

- **Descrição:** Expõe vida íntima, busca conexão emocional intensa, interações românticas ou sedutoras.
- **Base:** Arquétipo do Amante. Busca por vínculo e mirroring (Winicott), libido objetal (Freud).
- **Motivação inconsciente:** Arquétipo do **Amante** necessidade de beleza, prazer e intimidade.
- **Risco:** Vulnerabilidade a rejeição e dependência da validação alheia.

6. O Guardião Moral

- **Descrição:** Age como “fiscal” das redes, denunciando comportamentos e reforçando normas.
- **Base:** Superego rígido (Freud), ideal do ego dominante.
- **Motivação inconsciente:** Arquétipo do **Governante** manter ordem, proteger valores e coesão social.
- **Risco:** Tendência a autoritarismo e rigidez moral.

7. O Explorador de Tendências

- **Descrição:** Sempre engajado nas últimas modas, desafios e hashtags.
- **Base:** Desejo de excitação e novidade (Freud, princípio do prazer).
- **Motivação inconsciente:** Arquétipo do **Explorador** busca de novidade, expansão de horizontes.
- **Risco:** Superficialidade e instabilidade de identidade.

8. O Sombra Projeta

- **Descrição:** Usuário que expressa ódio, inveja ou ressentimento, geralmente de forma anônima.
- **Base:** Arquétipo da Sombra (Jung). Conteúdos reprimidos emergem via projeção.
- **Motivação inconsciente:** Expressão direta do arquétipo da **Sombra** conteúdos reprimidos projetados sobre outros.
- **Risco:** Reforço de polarizações e ciclos de hostilidade.

9. O Curador de Comunidade

- **Descrição:** Mantém grupos, fóruns e espaços de interação harmoniosa.
- **Base:** Arquétipo do Cuidador. Self verdadeiro (Winnicott), função do ego ideal.
- **Motivação inconsciente:** Arquétipo do **Cuidador** (*Caregiver*) proteção e acolhimento do coletivo.
- **Risco:** Sacrificar o próprio bem-estar pelo grupo.

Cada arquétipo se associa a uma estrutura neurótica predominante e a mecanismos de defesa característicos. O Herói Digital, movido por um superego rígido, manifesta traços obsessivos e compulsão à pureza moral. O Sábio Conector reflete a neurose fóbica e a intelectualização como fuga do afeto. O Rebelde Provocador dramatiza conflitos inconscientes por meio da provocação e da teatralidade, enquanto o Bobo Digital utiliza o humor como defesa contra a ansiedade. O Amante Virtual expressa dependência e necessidade constante de validação, e o Guardião Moral projeta sobre os outros a rigidez do próprio superego. Já o Explorador de Tendências vive a ansiedade de não se fixar em lugar algum, movido pela necessidade de novidade; o Sombra Projeta encarna a face persecutória do inconsciente coletivo; e o Curador de Comunidade manifesta o impulso de cuidado que, levado ao extremo, converte-se em culpa e hiper-responsabilidade.

Esses resultados confirmam a hipótese de que o espaço virtual amplifica as estruturas inconscientes descritas pela psicanálise, transformando arquétipos em performances digitais e neuroses em dinâmicas de engajamento. As neuroses individuais, ao se proje-

tarem coletivamente, tornam-se fenômenos sociais mediados pelos algoritmos. O mecanismo de defesa deixa de ser apenas psíquico e passa a ter função performática: a racionalização aparece nos discursos moralizantes, a projeção nas agressões verbais, e a formação reativa nas manifestações públicas de virtude e empatia exagerada.

A cultura algorítmica, ao organizar o fluxo de desejo e reconhecimento, assume o papel do Outro simbólico lacaniano, regulando o gozo e estruturando o laço social digital. O sujeito contemporâneo, fragmentado entre o self real e o self idealizado, experimenta a alienação típica do narcisismo virtual: vê-se apenas através da imagem projetada e mede seu valor pelo reflexo que o olhar alheio lhe devolve. Nesse sentido, o espaço virtual é simultaneamente um campo de elaboração e de alienação, onde o inconsciente coletivo encontra novas formas de expressão e o mito ancestral se reconfigura em linguagem algorítmica.

As redes sociais funcionam como espelhos psíquicos da modernidade, em que o mito é substituído pela máquina e o inconsciente se manifesta através de códigos digitais. Cada arquétipo virtual revelou uma tentativa de lidar com o desejo, a falta e o medo, enquanto cada neurose representa a tensão entre o eu ideal e o eu real. Assim, o estudo reafirma o valor da psicanálise como instrumento crítico para compreender a subjetividade contemporânea e a cultura digital, que se apresenta como uma nova forma de psicopatologia da vida cotidiana – uma psicopatologia da vida virtual.

CONCLUSÃO

A análise psicanalítica das redes sociais revela que estas não são apenas tecnologias de comunicação, mas campos simbólicos que reestruturam profundamente o psiquismo humano.

O sujeito contemporâneo se constitui no entrelaçamento entre desejo, imagem, gozo e falta todos intensificados pelas lógicas algorítmicas das plataformas.

A psicanálise permite compreender como o inconsciente se atualiza na era digital, revelando as novas formas de sofrimento psíquico e também os modos possíveis de resistência, elaboração e subjetivação.

REFERÊNCIAS

FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa*. Tradução de Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HORNEY, Karen. *A personalidade neurótica do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

JUNG, Carl Gustav. *Obras completas. Volume 1*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. *Obras completas. Volume 2*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1987.

Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. *Obras Completas*, Vol. XIV. Imago.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. *Obras Completas*, Vol. XVIII. Imago.

Freud, A. (1936). O ego e os mecanismos de defesa. Porto Alegre: Artmed.

ARQUÉ-TIPO	NEUROSE PREDOMINANTE	SINTOMA NEURÓTICO	POSSÍVEIS CAUSAS (FREUD, ANNA FREUD, HORNEY)	MECANISMOS DE DEFESA PREDOMINANTES
O herói digital	Neurose obsessiva	Pensamentos intrusivos, rituais compulsivos, culpa inconsciente, rigidez, ambivalência afetiva.	Superego crítico, compulsão à repetição, necessidade neurótica de poder e superioridade moral	Formação reativa, racionalização, isolamento afetivo
O sábio conector	Neurose fóbica/social	Medos irracionais, evitação social, ansiedade antecipatória, sintomas somáticos, isolamento.	Movimento neurótico de afastar-se das pessoas, intelectualização como defesa	Intelectualização, deslocamento, supressão
O rebelde provocador	Neurose histérica	Sintomas conversivos, teatralidade, identificação com sofrimento, sexualidade deslocada.	Dramatização e provocação como deslocamento de conflitos inconscientes, movimento contra as pessoas	Projeção, acting out, deslocamento
O bobo digital	Neurose histérica de defesa pelo humor	Uso de humor como defesa, minimização do sofrimento, ironia, evitação afetiva.	Humor como defesa contra ansiedade, evitação de conflitos emocionais	Humor, negação, sublimação parcial
O amante virtual	Neurose dependente (traços histriônicos)	Necessidade de aprovação, sedução, emoções flutuantes, medo de abandono, baixa frustração.	Fixação fálica/genital, busca excessiva de aprovação e amor	Idealização, regressão, identificação
O guardião moral	Neurose obsessiva moral	Hipermoralismo, autocrítica intensa, angústia por falhas, conduta autorrepressiva, fantasias punitivas.	Superego rígido, necessidade neurótica de perfeição e controle	Formação reativa, deslocamento, ascetismo
O explorador de tendências	Neurose ansiosa	Ansiedade generalizada, preocupações excessivas, tensão, irritabilidade, dificuldade de relaxar.	Ansiedade básica levando à busca incessante de novidade, evitação como defesa	Fuga para frente, negação, racionalização
O sombra projeta	Neurose paranoide	Desconfiança, interpretações persecutórias, racionalizações, isolamento, delírios de perseguição.	Projeção de conteúdos recalcados (hostilidade, inveja), hostilidade neurótica defensiva	Projeção, identificação projetiva, cisão
O curador de comunidade	Neurose fóbica/de cuidado excessivo	Medo de catástrofes com entes queridos, hiperproteção, ansiedade projetada, culpa inconsciente.	Movimento neurótico em direção às pessoas, formação reativa contra agressividade inconsciente	Formação reativa, supressão, deslocamento

TABELA 1: Arquétipos digitais e seus sintomas neuróticos.

Lacan, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1959-1960). O seminário, Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1954-1955). O seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

Klein, M. (1953). Love, Hate and Reparation. Hogarth Press.

Horney, K. (1937). A personalidade neurótica do nosso tempo. São Paulo: Mestre Jou.

Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. (1951). Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality. Julian Press.

Merleau-Ponty, M. (1945). Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes.